NOSSOS MESTRES

Craque da tecnologia

Professor reconhecido pelo Google, André Rocha ajudou a treinar 30 mil servidores da Secretaria de Educação para a volta à sala de aula na pandemia e é referência na rede quando o assunto é o universo digital

» MARIANA NIEDERAUER

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



"Onde há uma vontade, há um caminho." O ditado popular importado dos ingleses e que estampa a parede do laboratório de informática do Centro Educacional Incra 8 resume bem a trajetória do professor responsável pela área na escola. Apaixonado por tecnologia, André Rocha, 47 anos, trilha uma carreira de sucesso pautada pelo comprometimento e pela generosidade.

"Eu respiro tecnologia. É a parte que eu mais amo fazer. Já dizia Confúcio: Escolha um trabalho que você ame e não terá que trabalhar um único dia", cita o professor. Brasiliense, André é servidor da Secretaria de Educação do DF desde 1997, quando foi chamado para assumir a vaga de professor de atividades, séries iniciais do ensino fundamental. Cursou o magistério na Escola Normal de Ceilândia, cidade onde foi criado.

Cria da rede pública de ensino, ele entende que o potencial do trabalho vai muito além de cumprir uma grade curricular. "Eu defendo o ensino público de qualidade, e com qualidade social. Não basta ser um ensino que prepara o aluno apenas sob o aspecto do currículo. Essa qualidade social é justamente para que o profissional que sai da escola tenha o compromisso de ser um cidadão e tente melhorar a comunidade a que ele pertence", reforça. "Um reflexo dessa preocupação com o meu trabalho é que eu tenho colegas que se lembram de mim."

A infância marcada pela superação trouxe referências importantes para construir a trajetória do professor. Mãe solo, dona Geralda ensinou ao único filho sobre perseverança e o exemplo de um coração gigante. "Ela era minha referência, de pessoa, de ser humano", conta. O primeiro cursinho de informática foi a matriarca que pagou para o filho, em 1989.

Nos anos seguintes, André se virou para conseguir manter o contato com a tecnologia. Alugou de um amigo o computador que usava em casa. O valor pelo uso da máquina era depositado mensalmente. Só em 1995 ele conseguiu comprar o primeiro computador pessoal, com pagamento dividido em 15 parcelas. "Eu usava o computador para digitar os trabalhos dos colegas. Foi um período em que eu ganhava um trocadinho. Era uma forma de ajudar no orçamento", detalha o professor. No mesmo ano, veio a formatura no magistério e a aprovação no concurso da Secretaria de Educação.

Enquanto aguardava ser chamado, se virou como era possível e não ficou desempregado por um momento sequer. "Vendia assinatura do **Correio**, fui auxiliar de farmácia e balconista de loja de cortinas e tapetes", lembra-se. "Eu tinha a preocupação de ajudar minha mãe, que era cozinheira em hospital e não ganhava muito bem."

Desafios da pandemia

André conta que sempre foi convidado para trabalhar na área de tecnologia nas escolas. Em Brazlândia, chegou a coordenar um núcleo de tecnologia educacional, durante 8 anos, que tinha como foco a formação continuada de professores. Hoje, conta no currículo com quatro certificações concedidas pelo Google — uma delas restrita a cerca de 2,5 mil professores no mundo inteiro. Para completar a formação, cursou graduação em pedagogia e computação e está próximo de concluir o mestrado em tecnologias emergentes na educação, pela Must University, com sede na Flórida, nos Estados Unidos.

O trabalho durante a pandemia de covid-19 merece um capítulo à parte na carreira de André. "Estava trabalhando de 18 a 19 horas por dia. Eu encostava um pouquinho para descansar e em seguida estava acordado de novo. As pessoas divulgavam meu número e eu sempre ajudei quem me procurava", relata o professor.

Os pedidos de orientação chegavam principalmente via WhatsApp, e André não descansava enquanto houvesse uma conversa a ser respondida. No